

RESENHAS

CARELLA, TÚLIO
ORGIA – OS DIÁRIOS DE TÚLIO CARELLA
(Recife 1960. Editora Obra Prima, 2011)

Rebeca Santos de Amorim Guedes¹

Nunca procurou as razões por que escreve esse diário. Sabe muito bem que os motivos de qualquer ato nunca são devidos a uma só causa. Há, sem dúvida, um egoísmo inicial, somando-se a isto o desejo de não perder recordação de tantas coisas que se esquecem com o correr das semanas. Considera-o, além disto, como uma prática do escrever que poderia dar maior fluência ao seu estilo; é um desafogo que limpa sua alma de sujeiras; confessa-se em seus cadernos com uma crueza que às vezes é obscena e outras, cândida. (Tulio Carella, Orgia)

O primeiro contato do leitor com o livro não acontece de maneira banal ou amena. Primeiramente, por razão do seu conteúdo: a descrição das relações afetivas e eróticas que o escritor argentino manteve com homens no Recife. Em segundo lugar, para uma postura que está atenta diante do discurso, pela própria construção formal do texto: são duas perspectivas que se alternam em primeira e terceira pessoa na voz narrativa. É a partir destes aspectos que a curiosidade e o interesse acabam chegando inevitavelmente àquele que abre as páginas do diário íntimo deste autor platino.

Não se pode dispensar ou ignorar uma apresentação de Tulio Carella. Vencedor de prêmios celebrados pela Sociedade de Autores Argentinos, Carella

1 Formada em Letras pela UFPE, com Mestrado em Teoria da Literatura.

destacou-se como poeta, ensaísta, crítico e dramaturgo, além de exímio professor de teatro, admirado por colegas de profissão e por seus alunos. Em 1960 recebeu um convite de Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho para integrar a equipe de docentes da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco. Convite aceito – não apenas por consideração aos dois escritores brasileiros, mas, segundo algumas fontes, por insatisfação com o próprio clima político pelo qual a Argentina passava –, Carella não poderia imaginar que os dois anos que passaria no Recife fossem gerar tantas impressões de uma cidade provinciana (que se queria cosmopolita) e tantas cicatrizes de um período de grandes tensões: o entusiasmo da esquerda, almejando grandes mudanças sociais, e o embrião da repressão direitista, o qual já se via atuante de forma silenciosa. Testemunhou-se neste contexto recifense do início dos anos 60 o crescimento e o fortalecimento das Ligas Camponesas (na verdade, movimento ativo em todo o Nordeste) e o medo sentido pela ala conservadora de um contágio geral proveniente da revolução cubana. Estava feito o fim da temporada de Tulio Carella na cidade: sob acusação de fornecer armas contrabandeadas de Cuba para as Ligas, o escritor é “desaparecido”, torturado, e expulso do país em 1962.

Já na Argentina, passado pouco tempo, relativamente distante do ambiente opressor da ditadura brasileira, Carella entrega a Hermilo as folhas de um diário que ele manteve durante o período que passou na capital pernambucana. Provavelmente revisado e aprimorado, lá estava o texto que guardava as experiências sexuais entre o argentino e determinados homens que costumavam vagar pelas margens da cidade, talvez à procura de aventuras e de dinheiro. O resultado desse encontro veio em 1968: com autorização do próprio Carella e tradução de Hermilo Borba Filho, é lançada a primeira edição de *Orgia – Diário Primeiro*. Primeira e única até sua reedição em 2011 pela Opera Prima. O livro de Tulio Carella fazia parte do quarto volume da coleção Erótica. Vale lembrar o fato de que estas páginas nunca foram publicadas na Argentina e os leitores de língua espanhola jamais conheceram as confissões do escritor.

O texto híbrido de *Orgia* (diário íntimo e romance) e a utilização de pseudônimos das pessoas tratadas nas páginas de Carella talvez tenham servido de proteção para que sua publicação fosse efetivada sem mais agravantes em um período de sufocamento para os espíritos criativos. Mesmo usando nomes diferentes, fica clara a associação feita a cada pessoa, reforçada inclusive pelas notas de rodapé. Tulio Carella é o professor Lúcio Ginarte, Ariano é Adriano, Hermilo torna-se Hermindo, o reitor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima seria Sorett, caracterizado como um “homem sinuoso, pequeno, com feições

que parecem um pouco com as do sagui”, e desta forma as descrições e opiniões vão sendo feitas em suas páginas secretas.

As palavras impressas em *Orgia* atingem, sem redução de outro tema, três atmosferas confessionais: a descrição dos tipos humanos que habitam no Recife (muitas vezes expressos como irresistivelmente atraentes), as impressões da cidade e a vivência acadêmica na Escola de Belas Artes. Pode-se apontar, no entanto, a predominância de apenas uma delas: o desejo diante dos belos corpos que pareciam se oferecer aos olhos estrangeiros do escritor. É fato que há quase uma mescla entre as reflexões sobre o espaço urbano e as pessoas que nele circulavam. Mas os detalhes se sobressaem nas cenas eróticas que Lúcio Ginarte guarda com primoroso estilo, como se fossem unicamente estas as belezas que lhe confortavam numa terra que não era a sua.

Variados trechos se ocupam de exaltar a pluralidade das raças que colorem a capital mais famosa do Nordeste. Esta admiração não vem desacompanhada da volúpia que sente em conhecer melhor esta cultura pelo contato carnal. Embora exista uma fixação pela cor negra (a questão “que é um negro?” aparece mais de duas vezes ao longo do livro e a frase “o prazer da cor me domina” não deixa de ser marcante), uma das suas relações mais importantes se deu com um rapaz, com físico de halterofilista, louro, bem apessoado, referido pelo narrador como King Kong. Este arrebatamento pelos matizes étnicos era sentido tanto diante do sexo feminino, quanto do masculino, porém o próprio Lúcio esclarece sua escolha: “Aqui, como entre pássaros, o macho é mais atraente”.

O quadro que faz da cidade do Recife é muito belo. Especialmente quando nesta pintura estão as reflexões críticas sobre uma capital onde se alternam tão bruta e visões de riqueza e pobreza. Algumas passagens de *Orgia* são estudos de uma realidade histórica apontada com espanto por um cidadão estranho a este país tropical. Os trechos com linguagem mais trabalhada estão sob o domínio do narrador em terceira pessoa. Este recurso parece provocar uma melhor abrangência do contexto brasileiro e das dissonâncias sociais, suplementado a inquietação lúcida do narrador.

Seu cotidiano acadêmico desfruta de pouca dedicação em seu diário. Obviamente que lá estão alguns episódios significativos para sua fase profissional aqui no Recife, uma vez que existe a crença de que Tulio Carella se tornou um alvo para o 4o Exército porque algum de seus colegas de trabalho, com inveja de seu sucesso entre os alunos, o delatou como um estrangeiro de atitudes suspeitas. A didática presente em sala de aula é descrita com muito orgulho e

as críticas a determinadas posturas autoritárias no ensino não são poupadas pelo professor Lúcio Ginarte: “O ensino deve ser encarado como uma troca. As coisas vão mal quando o mestre nada aprende com os alunos. A maioria dos professores é narcisista: fala, expõe o que sabe, pronuncia conferências. São livros falantes”.

Com exatidão não se sabe dizer o motivo do nome de Tulio Carella estar associado ao contrabando de armas de Cuba diretamente para o Nordeste. Talvez por ser estrangeiro e por falar espanhol, possivelmente pelo fato de um intelectual ter circulado pelo povo, pelas ruas da cidade que estavam à margem dos cuidados do governo, ou quem sabe por trazer até o espaço universitário também reflexões sobre as injustiças sociais sem deixar de estarem aliadas ao processo de aprendizagem das técnicas de ator. O motivo certo não importa mais. O que chama atenção é que hoje temos em mãos o que restou de sua vivência no Recife. Depois de torturado, o 4o Exército viu que não havia ligação alguma de Carella com as Ligas Camponesas e, sob a ameaça de publicar seu diário íntimo, o escritor foi colocado em um avião de volta à Argentina com a obrigação de silenciar sobre sua prisão e sobre os momentos de terror pelos quais passou nas mãos dos militares.

As cicatrizes destes anos tenebrosos ainda estão guardadas com vários intelectuais, estudantes, artistas, escritores, entre outros cidadãos que aos olhos do governo eram uma ameaça à ordem instituída. Porém Tulio Carella, este espírito livre, talvez tenha sofrido a pior delas: o esquecimento de sua obra, o ostracismo de seu ofício criativo.

Neste ano de 2012, quando se completam 100 anos do nascimento do escritor, é importante celebrar a segunda edição de *Orgia*, suscitando a seguinte reflexão: quais ideias são produzidas no leitor 43 anos após a primeira publicação do diário? O fato é que os diários só acumulam mais e mais valor com o passar do tempo e suas folhas foram conservadas para serem bem acolhidas no tempo futuro. Um tempo mais justo talvez, mais democrático, sobretudo consciente de seus erros e suas máculas. Hoje, a atenção que se pode dedicar à sua obra é a testemunha de que o escritor ainda vive através de seu trabalho. Se há, neste caso, alguma ação social da leitura, sua tarefa está no combate ao esquecimento de ideias que realmente marcaram uma diferença.